

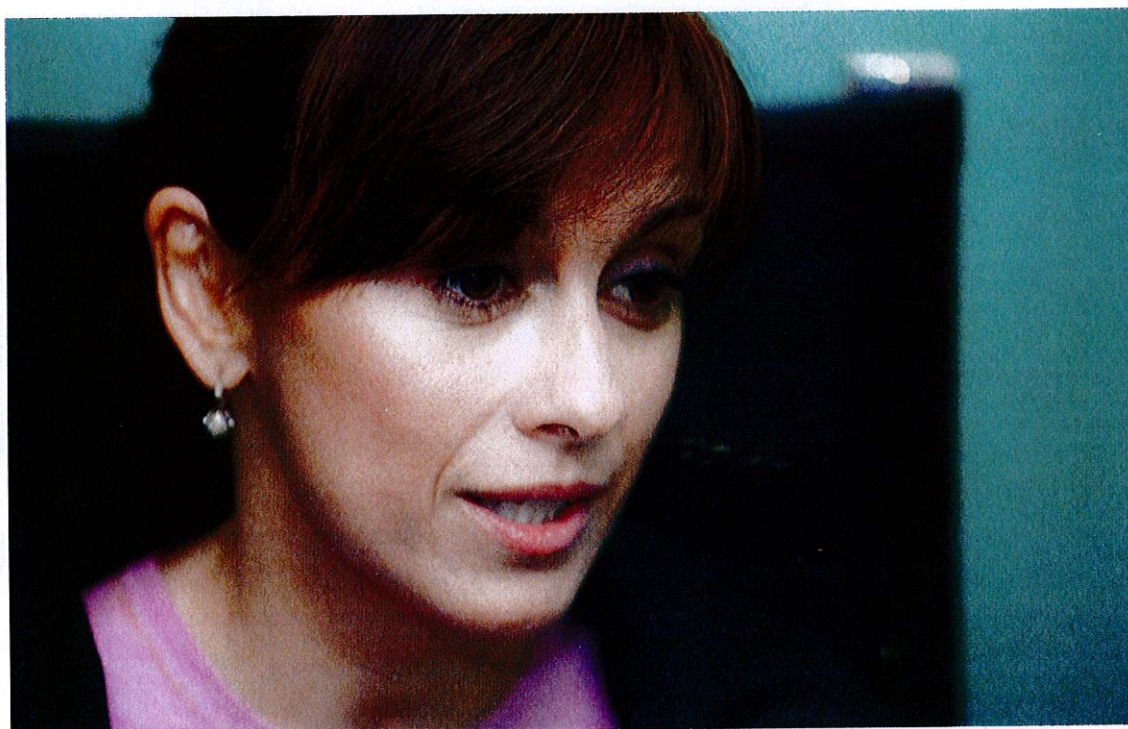
Tatiana Canas
jornalista
tc@briefing.pt



“Quando uma empresa precisa, despede mesmo. Não tenho ideia de alguma empresa que tenha necessitado de despedir um trabalhador e, mais cedo ou mais tarde, não o tenha feito. Portanto, se formos francos, temos de admitir que a situação terá de passar por acordar uma compensação que beneficie empresa e trabalhador. Os empregos para toda a vida acabaram”, afirma Susana Afonso Costa, especialista em Laboral da Rui Pena, Arnaut & Associados

Susana Afonso Costa, sócia de Laboral da RPA

Emprego para a vida acabou



Ramon de Melo

Advocatus | A taxa de desemprego vai nos 10,9 por cento, de acordo com o INE. Que leitura faz deste número histórico?

Susana Afonso Costa | Pessimista. Nos últimos anos, fiz vários despedimentos em massa, a figura do despedimento colectivo tornou-se uma banalidade. Assessorei imen-

sos clientes em processos deste tipo mas com o objectivo de reestruturar a empresa, ou seja, são agentes que vão continuar no mercado. Este tipo de despedimento – por emagrecimento da estrutura – já não ocorre com a mesma regularidade. O elevado número de despedimentos a que agora assis-

timos prende-se com empresas que encerraram as portas definitivamente.

Advocatus | Isso significa que o motivo por detrás do despedimento colectivo se alterou?

SAC | Sim, há dois tipos de despedimento: um, porque o empresário

consegue antever a necessidade de se adaptar ao mercado e a empresa vai continuar a funcionar, mas com menos trabalhadores. Outro caso, é o despedimento porque a empresa definitivamente vai desaparecer do mercado, e é nesse sentido que falo de um despedimento muito mais fatal.

Advocatus I É a primeira tendência que prevê para o Laboral em 2011?

SAC I Sim. Vamos continuar a fazer processos de reestruturação, mas agora numa fase de reconversão. Os nossos clientes já se adaptaram ao mercado, muitos deles já fizeram uma série de despedimentos colectivos ao longo dos últimos anos. O que fazem agora é um outro despedimento pontual por necessidades de reajuste dum ou outro sector. O que assisto agora, em muitos casos, é ao tratamento das feridas internas, tornando os recursos humanos mais polivalentes e as empresas mais versáteis a um novo mercado. O que faço actualmente com mais regularidade são processos de auditoria e reestruturação interna que não implicam nenhum despedimento.

Advocatus I Quais os sectores em que os despedimentos têm maior incidência?

SAC I Claramente, o sector farmacêutico foi dos mais afectados. O ano de 2010 foi um ano marcado pela redução dos preços dos medicamentos. Um sector que, por regra, era forte e tinha capacidade de absorver muitos recursos humanos, foi dos mais penalizados com as alterações legislativas. Hoje em dia, é rara a empresa farmacêutica que, nos últimos anos, não fez um despedimento colectivo.

Advocatus I Relativamente à tão falada flexibilidade do Código do Trabalho. Está de acordo com essas alterações?

SAC I Concorde. Não faz para mim qualquer sentido distinguir entre contratos a termo e contratos sem termo. Despedimentos que só ocorrem com justa causa é outra situação que pertence ao passa-

“O que faço actualmente com mais regularidade são processos de auditoria e reestruturação interna que não implicam despedimentos. Assisto em muitos casos ao tratamento das feridas internas, tornando os recursos humanos mais polivalentes e as empresas mais versáteis a um novo mercado”

“Não faz para mim qualquer sentido distinguir entre contratos a termo e contratos sem termo. Despedimentos que só ocorrem com justa causa é outra situação que pertence ao passado”

do. Nestes últimos anos, com a quantidade de despedimentos em massa a que assistimos, quer queiramos, quer não, somos obrigados a concluir que, quando a empresa precisa, despede mesmo. E haverá sempre um fundamento. Não tenho ideia de alguma empresa que tenha necessitado de despedir um trabalhador e, mais cedo ou mais tarde, não o tenha feito. Portanto, se formos francos, temos de admitir que a situação terá de passar por acordar uma compensação que beneficie empresa e trabalhador. Os empregos para toda a vida acabaram.

Advocatus I A Lei é autista, está desligada da realidade social?

SAC I Exacto, veja o caso dos recibos verdes. Foi um sistema criado única e exclusivamente para trabalhadores independentes. O seu uso abusivo é uma fuga das empresas para contornarem relações que estão completamente sedimentadas no Código do Trabalho, como as formas de despedimento ou os horários de trabalho. Para isso, mais vale liberalizar a relação laboral e crer que a empresa e o trabalhador têm bom senso, aperfeiçoando o sistema de compensações, dando-lhe espaço de manobra para a negociação entre as partes.

Advocatus I Vê essa flexibilização a acontecer num futuro próximo?

SAC I Não. Acho que a lei laboral tem alguma flexibilidade em termos de organização de trabalho e vamos agora começar a tê-la em matéria de remuneração. Em termos de despedimentos, o caminho ainda será longo...

Advocatus I Alguma situação de um despedimento colectivo foi para si especialmente marcante?

SAC I Uma empresa do sector farmacêutico fez um despedimento colectivo de cerca de cem trabalhadores devido a uma operação de fusão com outra empresa, onde havia clara coincidência de postos e funções. O processo foi tão bem trabalhado que, no dia em que o director-geral fez a exposição dos



“Os recibos verdes foram criados exclusivamente para trabalhadores independentes. O seu uso abusivo é uma fuga das empresas para contornarem relações, como as formas de despedimento ou os horários de trabalho, que estão completamente sedimentadas no Código do Trabalho”



"Todos os dias tenho este dilema de decidir sobre a vida de alguém, e sinto que, de certa forma, essa tarefa vai ter algum impacto na vida de outra pessoa"

>>>

motivos que levaram à dispensa daqueles trabalhadores, essas cem pessoas levantaram-se em massa e aplaudiram.

Advocatus | Porque é que escolheu esta área de prática?

SAC | O Direito do Trabalho cruzava-se muito com a minha vida pessoal. Na faculdade gostava da disciplina e propus-me a ir à oral para melhoria de nota. Quando cheguei à minha vez, o regente da cadeira disse-me que já estava uma hora e meia atrasado e fez-me uma pergunta sobre Direito Português. Fiquei aterrada porque não sabia rigorosamente nada disso e, cinco minutos depois, a minha oral estava acabada. Foi uma injustiça terrível, chorei durante dois dias, e em Setembro lá estava novamente a propor-me a exame. Tive uma nota ótima e, nessa ocasião, conheci aquele que é hoje o meu marido. Mas prometi a mim mesma nunca mais fazer Direito do Trabalho, fiquei altamente traumatizada.

Advocatus | O que a fez então mudar de ideias?

SAC | A colega que tratava dessa área saiu do escritório onde estava na altura [Saraiva Lima & Associados], e comprometi-me a dar seguimento ao trabalho dela durante um mês. Se na faculdade era uma matéria que gostava, a verdade é que na prática me apaixonei. A partir de então, dediquei-me ao Laboral a 100 por cento.

Advocatus | O que é que a atrai tanto no Laboral?

SAC | É uma área extremamente reconfortante porque é muito mais do que Direito. Não é apenas saber a Lei, mas podermos partilhar relações humanas. Eu dou muito daquilo que sou a cada processo em que me envolvo, porque temos de ter uma enorme preocupação em salvaguardar os interesses do cliente, mas tendo sempre presente que estamos a tratar ali da vida de uma pessoa.

Advocatus | No ano passado foi a única mulher portuguesa a ganhar o prémio 40's under 40's do

Iberian Lawyer. O que representou isso?

SAC | Quando me candidatei, não o fiz com muita convicção porque tenho consciência de que o Direito do Trabalho ainda não é uma área de primeira linha. Quando consegui, senti-me muito orgulhosa, não vou esconder. Mas foi também um momento para reflectir que estou a fazer bem o meu trabalho. Porque todos os dias tenho este dilema de decidir sobre a vida de alguém, e sinto que, de certa forma, essa tarefa vai ter algum impacto na vida de outra pessoa.

Advocatus | Foi influenciada por alguém para seguir advocacia?

SAC | Não, foi uma escolha pessoal. Sou o exemplo típico da criança que sempre soube, desde pequena, que iria ser advogada. Porque reclamava de tudo e mais alguma coisa, achava que tudo era uma injustiça, e obrigava sempre as pessoas a explicarem por que é que tinham razão. Atraía-me o sentido de justiça, a rectidão.

Advocatus | Estagiou na PLMJ mas fez carreira em sociedades de média dimensão. Sente-se melhor a trabalhar em estruturas mais pequenas?

SAC | Sinto. Comecei na PLMJ e

senti-me privilegiada, mas confesso que toda aquela dimensão não me deixava confortável. Acho que um advogado, para ser completo, tem que ter várias valências. E isso só se consegue tendo a nossa própria carteira de clientes. Foi difícil, muito difícil, mas no dia em que nos apercebemos que temos autonomia e as pessoas acreditam e confiam em nós, é muito gratificante.

Advocatus | O ano passado foi muito marcante para si, chegou ao topo da carreira e mudou de escritório. Qual o balanço que faz de 2010?

SAC | Sou uma pessoa de ciclos. A minha passagem da Saraiva Lima & Associados para a Simmons & Simmons Rebelo de Sousa (actual SRS) foi determinante. Cresci muito e tive o privilégio de fazer parte de uma equipa que ajudei a consolidar. Quando saí, senti que o meu trabalho estava terminado e parti para uma nova etapa. Posso dizer que esta é uma fase já bem sucedida. Na Rui Pena, Arnaut & Associados coordeno uma equipa de seis advogados que é unida e motivada, dispoñendo de uma belíssima carteira de clientes.

PERFIL

Faz pequenos kits de felicidade

Susana, 40 anos, casada, tem dois gémeos de 10 anos. "Tempos livres são poucos", confessa, mas quando os tem, tenta compensar os filhos. Cinema, passeios e férias em conjunto fazem parte do programa familiar. Passatempos exclusivos seus, gosta de estar sozinha e em silêncio a ler, ou tão só no *dolce fare niente*. "Depois, dou valor a pequenos prazeres, como ir a determinado café ou visitar uma certa cidade, faço pequenos kits de felicidade", revela. Em Lisboa, podemos encontrá-la a descontraír no jardim das Amoreiras, local onde cresceu e um recanto onde lhe parece que "todas as pessoas são felizes". Com a Europa no topo dos destinos de viagem, Madrid, Paris ou Roma são cidades que nunca se cansa de visitar. Sem nenhum plano de fuga para os tempos mais próximos, a tentação de conhecer o Oriente começa a ganhar forma.